

ENTRE ESQUEMAS TENSIVOS E NARRATIVOS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DOS VALORES PROPOSTOS NA *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO* DE PAULO FREIRE

Paulo Ricardo Sousa de OLIVEIRA¹

Resumo: O presente trabalho aprofunda a análise do conceito de "ser-mais" em Paulo Freire na obra "Pedagogia do Oprimido". Nesse sentido, objetiva-se descrever semioticamente o "ser-mais" como um valor construído a partir de um esquema tensivo que relaciona as valências de extensividade e intensidade, utilizando do ferramental analítico da semiótica tensiva (Zilberberg, 2011, 2016; Fontanille; Zilberberg, 2001) e da semiótica discursiva (Greimas, 2014; Greimas; Courtés, 2016). A análise revelou que um mesmo gráfico tensivo pode dar conta das diferentes relações propostas por Freire. Enquanto a lógica opressora valoriza os valores de absoluto, a proposta freiriana direciona-se para valores de apogeu, que se manifestam através de projetos de vida que buscam valores subjetivos. Narrativamente, essa oposição se expressa em uma estrutura actancial objetivada (relações opressivas) versus uma estrutura actancial subjetivada (relações libertárias). Nos projetos de libertação, os sujeitos sincretizam os papéis de destinador e destinatário, tornando-se autores de suas próprias vidas e finalidades.

Palavras-chave: Paulo Freire; ser-mais; semiótica tensiva; semiótica discursiva.

Abstract: This study delves deeper into the analysis of the concept of "being more" in Paulo Freire's work "Pedagogy of the Oppressed". In this sense, the objective is to semiotically describe "being more" as a value constructed from a tensive scheme that relates the valences of extensiveness and intensity, using the analytical tools of tensive semiotics (Zilberberg, 2011, 2016; Fontanille; Zilberberg, 2001) and discursive semiotics (Greimas, 2014; Greimas; Courtés, 2016). The analysis revealed that the same tensive graph can account for the different relationships proposed by Freire. While the oppressive logic values absolute values, Freire's proposal is directed towards values of apogee, which manifest through life projects that seek subjective values. Narratively, this opposition is expressed in an objectified actantial structure (oppressive relationships) versus a subjectivized actantial structure (liberating relationships). In liberation projects, subjects syncretize the roles of sender and receiver, becoming authors of their own lives and purposes.

Keywords: Paulo Freire; being more; tensive semiotics; discursive semiotics.

Introdução

Em última instância, implícita ou explicitamente, qualquer proposta educativa possui uma concepção de ser humano que a fundamenta (Libâneo, 1994). Em Freire, essa concepção está vinculada a historicidade dos seres humanos à medida em que eles são reconhecidos "como seres inacabados e inconclusos, em e com uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada" (Freire, 1970, p. 42). Nessa perspectiva, cabe a uma educação progressista criar condições para que a humanidade exerça continuamente sua vocação

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará. ORCID: 0009-0004-3697-9123. E-mail: oliveira.professorp@gmail.com

humana sintetizada na expressão *ser-mais*. Para Zitkoski (2008, p. 369) “a vocação para a humanização, segundo a proposta freireana, é uma característica que se expressa na própria busca do *ser mais* através da qual o ser humano está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo” (Zitkoski, 2008, p. 369).

Essa procura, no entanto, em uma sociedade opressora, é um desafio, na medida em que ela foi distorcida.

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero (Freire, 1970, p. 16).

Tal distorção é resultado de uma relação polêmica que envolve dois atores (em termos semióticos), o oprimido e o opressor, pela qual um se locupleta a partir do outro: enquanto o opressor *é mais*, o oprimido *é menos*.

Nosso trabalho objetiva descrever semioticamente o *ser-mais* como um valor erigido a partir de um esquema tensivo que correlaciona as valências de extensidade e de intensidade. Desse modo, nos valem de um único esquema tensivo para descrição dos diferentes sentidos que o valor por nós descrito pode contrair de acordo com as dependências em jogo no universo figurativo criado por Freire. Além disso, nos preocupamos em descrever de modo coerente como esse esquema tensivo é sintaticamente manifesto em um esquema narrativo de caráter antropomórfico que considera “a concepção dos programas narrativos que se interpretam como transformações das coisas pelo homem (que, com isso, se transforma a si mesmo)” (Greimas, 2014, p. 436). Em Freire (1970), esse esquema é figurativizado ora como diálogo, em uma relação libertária, ora como opressão.

O diálogo, em Freire, tem um papel central em sua proposta pedagógica, visto que é através das relações dialógicas que os sujeitos problematizam o mundo e a si mesmos e, assim o fazendo, lutam por transformações. Nessa perspectiva, Zitkoski (2008, p. 368) propõe que “o desafio freiriano é construirmos novos saberes a partir da situação dialógica que provoca à interação e a partilha de mundos diferentes, mas que comungam do sonho e da esperança de juntos construirmos nosso ser mais.”

Por outro lado, a relação entre opressor e oprimido é antagônica na medida em que aquele rouba a humanidade deste em prol do enriquecimento ilícito de sua classe. O *ser-mais* do opressor, nessa relação, implica o *ser-menos* do oprimido. Em uma perspectiva freiriana, essa relação deve ser superada, primeiramente, através do reconhecimento, por meio do diálogo pelo qual os oprimidos se reconhecem como “homens, na sua vocação ontológica e histórica de Ser mais” (Freire, 1970, p. 29). Dessa maneira, Freire postula que a revolução tem um caráter eminentemente pedagógico. O diálogo atravessa todo o processo revolucionário que se inicia com o reconhecimento da relação opressora, mas não se encerra aí, visto que, de acordo com Freire, é uma exigência existencial.

Esses aspectos da obra de Freire serão descritos com o suporte de conceitos oriundos da semiótica tensiva (Zilberberg, 2011, 2016; Fontanille; Zilberberg, 2001) e da semiótica discursiva (Greimas, 2014; Greimas; Courtés, 2016).

Os valores da pedagogia freireana

Precisamente porque, se sua luta é no sentido de fazer-se Homem, que estavam sendo proibidos de ser, não o conseguirão se apenas invertem os termos da contradição. Isto é, se apenas mudam de lugar, nos pólos da contradição.

Paulo Freire

Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.

Paulo Freire

Se pretendemos descrever o esquema semiótico que em Freire gera determinados valores, cabe nos atermos um pouco a respeito da problemática do valor em semiótica ao passo que analisamos o objeto em questão. Elegemos como metodologia para tal empreitada a semiótica tensiva.

Antes de seguir, avaliamos que esse trecho da *Pedagogia do Oprimido* permite que vislumbremos o esquema tensivo subjacente em Paulo Freire:

Como distorção do *ser mais*, o *ser menos* leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (Freire, 1970, p. 20)

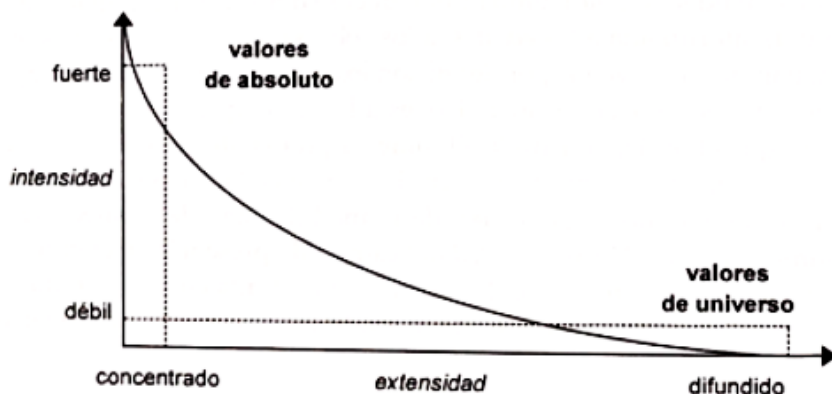
Propomos que o esquema tensivo que erige valores em Freire, manifestado no excerto acima, pode ser precisado com diferentes correlações em um campo tensivo que gera vários tipos de valores. Especificamente três tipos de valores se manifestam em *Pedagogia do Oprimido* (1970): valores de universo, de absoluto e de apogeu (Zilberberg, 2016, p. 64 - 66).

A geração desses valores resulta da correlação de duas valências: intensidade e extensidade (Fontanille & Zilberberg, 2011, p. 45). Em *Tensão e Significação* (2001), Zilberberg e Fontanille propõem dois tipos de correlações entre essas valências: a conversa e a inversa. Na correlação conversa, observamos uma conjugação proporcional, em que mais intensidade corresponde a mais extensidade, ou o inverso. Já na correlação inversa, há um antagonismo, em que menos intensidade implica mais extensidade, e vice-versa. Nessa obra, os autores apostam nas relações valenciais inversas para a constituição do valor. Nesse sentido, eles propõem que os valores semióticos podem ser agrupados em um par: os valores de absoluto e os valores de universo, aquele regido pelo princípio da exclusão e esse regido pelo princípio da participação. Em termos sintagmáticos, os operadores responsáveis pela distensão dos complexos gerados com os pares valenciais são: (i) triagem e fechamento, para os valores de absoluto; (ii) mistura e abertura, para os valores de universo (Fontanille & Zilberberg, 2011, p.45). Por fim, a preferência por

valores de absoluto atribuí como positiva a orientação na qual temos muita intensidade e pouca extensidade; a preferência por valores de universo faz o contrário, atribui-se positividade à máxima extensidade e à mínima intensidade.

A esquematização tensiva desses valores pode ser realizada através do gráfico abordado na Figura 1.

Figura 1: Esquema tensivo que gera valores de absoluto e de universo



Fonte: Zilberberg (2016, p. 64).

Essa é uma formulação tensiva que se presta bem para descrições sociológicas. Em uma sociedade que preza pela triagem, a circulação de bens é restrita; a mistura, pelo contrário, favorece o compartilhamento. Em uma rápida exemplificação, Fontanille e Zilberberg (2011) delegam a seguinte hipótese para futuras pesquisas:

Intuitivamente, temos o sentimento de estar igualmente diante de estruturas elementares características do “político”: à igualdade corresponderá uma sociedade do *direito*; à desigualdade, uma sociedade do *privilegio*. Do lado da exclusão e da triagem, teríamos uma sociedade do *interdito*, com seus intocáveis. Mas caberá às análises concretas confirmar ou não essa sugestão de generalização (Fontanille; Zilberberg, 2011, p. 30).

De fato, essa é uma ótima solução para descrevermos semioticamente a relação entre opressor/oprimido, não só na obra de Freire:

Perdimos; otros ganaron. Pero ocurre que quienes ganaron, ganaron gracias a que nosotros perdimos [...] simétricamente, el bienestar de nuestras clases dominantes - dominantes hacia dentro, dominadas desde fuera - es la maldición de nuestras multitudes condenadas a una vida de bestias de carga (Galeano, 1999, p. 3).

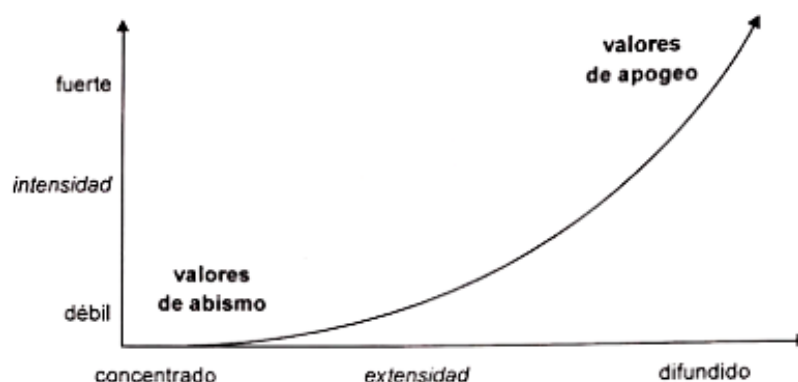
Porém, essa fórmula não se presta para explicar, em Freire, a relação de libertação em sua totalidade. Em determinado momento da história do oprimido, ao perceber que a vocação ontológica de *ser mais* foi roubada, ele se esforça por estabelecer um contra-programa para recuperar as competências necessárias para realizar-se como sujeito.

Porém, como pode ser verificado na epígrafe desta seção, a proposta freireana não se realiza se o sujeito apenas recupera de volta o objeto que outrora fora seu. Não basta o oprimido trocar de lugar com o opressor, ou mesmo mudar a orientação discursiva no que diz respeito à valorização de valores de universo ao invés de valores de absoluto; ele precisa romper uma categoria e erigir outra pela qual o *ser mais* do oprimido implica um *ser mais* para outros sujeitos, inclusive para o opressor. Recorremos novamente a Freire para mostrar que essa questão é reiterada em sua principal obra:

A libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na, e pela, superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se. (Freire, 1970, p 23)

Se quisermos flagrar o fundamental para o patrono da educação brasileira, teremos que considerar que seu discurso erige valores através da correlação conversa entre intensidade e extensidade que pode ser esquematizada através do gráfico abordado na Figura 2.

Figura 2: Esquema tensivo que gera valores de abismo e de apogeu



Fonte: Zilberberg (2016, p. 64).

Apesar de essa operação ser prevista em *Tensão e Significação* (2001), naquele momento da teoria semiótica não se discutiam os valores que podem ser gerados por essas correlações. Somente em *Elementos de Semiótica Tensiva* (2011) flagramos Zilberberg propondo um lugar no gráfico tensivo capaz de dar conta de novos valores não restritos aos de universo e de absoluto. Para que se exemplifique a relação entre valência e valores, nessa obra, Zilberberg retoma uma análise já efetuada em *Tensão e Significação* (2001), mas agora com novos contornos. Ele entende que a problemática social em determinados discursos se dá no campo da extensidade, visto que, mediante triagens e misturas, excluímos ou incluímos sujeitos, mas, considerando a complexidade, podemos postular que a dimensão da intensidade está prevista. Dessa forma, teríamos “‘uma implacável’ correlação inversa, uma ‘lei draconiana’ que entrelaça, de um lado, o impactante e o concentrado, e, de outro, o tênue e o difuso” (Zilberberg, 2011, p. 69). Analisando nesses

termos, pode-se observar, de um lado, a aristocracia em que temos muita intensidade e pouca extensidade; de outro, a democracia em que temos muita extensidade e pouca intensidade. Essa primeira parte da análise não prevê a sociedade proposta por Freire. Todavia, é no mesmo campo de onde surge a oposição entre democracia e aristocracia, nos moldes assinalados agora há pouco, que Zilberberg demarcará um espaço para a utopia.

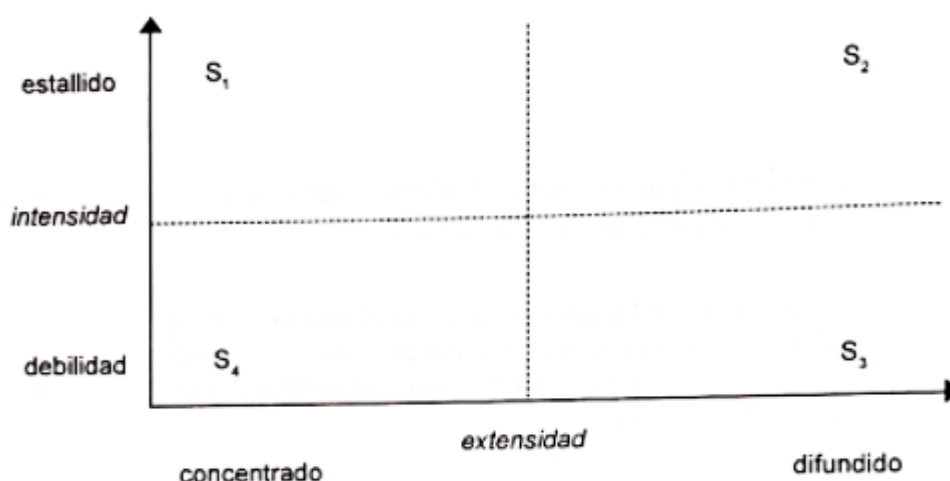
Assinalamos no canto superior direito o lugar da utopia, daquilo que Baudelaire, em "L'invitation au voyage", chama de "verdadeiro país de Cocanha", onde se ignora a escassez e, conseqüentemente, o "horror econômico". (Zilberberg, 2011, p. 69).

Para a descrição do discurso freiriano, aproveitamos a análise acima para esta proposição: (i) em termos de intensidade um sujeito é mais ou menos realizado em suas potencialidades humanas - ele é *mais* ou é *menos*; (ii) em termos de extensidade teríamos mais ou menos quantidade de sujeitos realizados. Acreditamos que pensar assim é justo com o pensamento freiriano e é coerente com a proposta tensiva visto que a intensidade diz respeito à medida e a extensidade ao número.

El sujeto, aquí simple hipótesis, es un actante sincrético: es a la vez el que mide y ese-yo-no-sé-qué que él mide; él mide su propia afectación. La articulación elemental es [fuerte vs. débil]. La extensidade tiene una textura muy diferente: no es del orden de la medida, sino del conteo, de la enumeración, evalúa la densidade del campo de presencia. (Zilberberg, 2016, p 63).

Apesar do vislumbre que o espaço denominado utópico nos permite, daremos um passo a mais para nos apropriarmos dos conceitos que Zilberberg formulará em *La estructura Tensiva* (2016) e que irão ajudar a descrever melhor esse espaço anteriormente chamado de utopia pelo qual cremos poder ser analisado o discurso freiriano. Nessa obra, Zilberberg discute que a correlação inversa, provavelmente pelo princípio da finitude, que é uma marca da experiência humana no mundo, prevalece sobre a relação conversa, ainda assim, essa possui seu lugar na teoria (Zilberberg, 2016, p. 60-61). Esse lugar parece se demarcar com mais clareza quando o autor discute a constituição dos valores. Ele propõe uma articulação do espaço tensivo em quatro áreas: S1, S2, S3 e S4 (Zilberberg, 2016, p 64).

Figura 3: Áreas do espaço tensivo



Fonte: Zilberberg (2016, p. 64).

A articulação de S1 e S3 resulta nos já discutidos valores de absoluto e de universo. Fica dito que, nesse caso, a enunciação impõe uma prevalência seja dos valores de absoluto, seja dos valores de universo, e, a partir disso, o fazer argumentativo adota um protocolo causativo e um protocolo concessivo para cada um criando assim uma rede.

El sujeto persuadido de la excelencia de los valores de absoluto pasará por encima de su concentración y colocará el ‘acento de sentido’ en su /fuerza/: *a pesar de que sean /concentrados/*, los valores de absoluto no dejan de ser buenos; el sujeto persuadido de la superioridad de los valores de universo llegará al mismo resultado invirtiendo los términos: *aunque sean /débiles/*, los valores de universo están difundidos, llegan a todos. (Zilberberg, 2016, p 65).

Nosso interesse recai sobretudo na novidade exposta pelos autores quando articulam a zona S2 e S4 e, a partir dessa relação, postulam os valores de apogeu e os valores de abismo (Zilberberg, 2016, p. 66). Embora Zilberberg não tenha exposto desse modo, por simetria, os valores de apogeu e de abismo também são assumidos por uma enunciação que adota ou um protocolo causativo ou um protocolo concessivo (Souza, 2016, p. 119).

Diante do que foi exposto, o esquema tensivo em Paulo Freire não se resume a uma correlação inversa, por mais que em determinado momento o *ser mais* do oprimido implique o *ser menos* do opressor. Na verdade, na medida em que o oprimido rompe a contradição, em termos semióticos poderíamos dizer categoria, uma nova relação surge, como podemos ver no excerto abaixo:

No momento, porém, em que se comece a autêntica luta para criar a situação que nascerá da superação da velha, já se está lutando pelo *ser mais*. E, se a situação opressora gera uma totalidade desumanizada e desumanizante, que atinge aos que oprimem e aos oprimidos, não vai ceder, como já afirmamos, aos primeiros, que se encontram desumanizados pelo só motivo de oprimir, mas aos segundos, gerar de seu *ser menos* a busca do *ser mais* de todos. (Freire,

1970, p. 22)

Freire chega a propor que sua pedagogia tenha dois momentos e, na medida em que a categoria opressor/oprimido é superada, ela deixa de ser uma pedagogia dos oprimidos para tornar-se pedagogia dos homens em constante libertação (Freire, 1970, p. 27). Nesse sentido, a busca dos sujeitos freirianos é por valores de apogeu. Teríamos, então, a seguinte formulação causativa para essa relação inversa: já que muitos sujeitos livres em sociedade, muita realização pessoal.

Os esquemas narrativos que manifestam os valores da pedagogia freiriana

Se faz indispensável aos oprimidos, para a luta por sua libertação, que a realidade concreta de opressão já não seja para eles uma espécie de “mundo fechado”.

Paulo Freire

A realização do *ser-mais* como valor de apogeu em Freire se manifesta através da relação dialógica entre educador e educando, que é a mesma que deve se dar entre os oprimidos em busca de sua libertação. Para a descrição semiótica desse fenômeno, elencamos dois aspectos que devem ser considerados. O primeiro está vinculado aos valores objetivos e aos valores subjetivos presentes no discurso freiriano: em uma perspectiva opressiva, a existência semiótica do sujeito dá ênfase ao *ter*; em uma perspectiva libertária, a ênfase recai no *ser*. O segundo aspecto está vinculado à maneira como esses valores são comunicados entre os sujeitos: em uma perspectiva opressiva, os oprimidos são meros destinatários dos opressores; em uma perspectiva libertária, os oprimidos em comunhão sincretizam os papéis de destinador e destinatário.

Antes de seguirmos nossa descrição, alguns apontamentos são necessários acerca do discurso freiriano. O primeiro é a relação intersubjetiva entre opressor e oprimido. Para Freire (1970), a dominação do oprimido exige uma invasão cultural pela qual o opressor introjeta seus valores no oprimido, constituindo, assim, sua identidade e, conseqüentemente, seu projeto de vida. Os valores que o oprimido almeja, portanto, estão fundados nessa relação:

Uma condição biónica ao êxito da invasão cultural é o convencimento por parte dos invadidos de sua inferioridade intrínseca. Como não há nada que não tenha seu contrário, na medida em que os invadidos vão reconhecendo-se “inferiores”, necessariamente irão reconhecendo a “superioridade” dos invasores. Os valores destes passam a ser a pauta dos invadidos. Quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo. (Freire, 1970, p. 87).

É nesse sentido que “os oprimidos, como objetos, como quase ‘coisas’, não têm finalidades. As suas, são as finalidades que lhes prescrevem os opressores” (Freire, 1970, p. 26). O segundo aspecto a ser apontado é que, para Freire (1970), a consciência opressora reduz a existência humana a um projeto de vida meramente materialista.

Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal. Por isto é que, para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para eles, é ter e ter como classe que tem. (Freire, 1970, p. 25).

Na medida em que o oprimido adere à consciência opressora, sua consciência se torna também puramente materialista: “Desta forma, por exemplo, querem a reforma agrária, não para libertar-se, mas para passar a ter terra e, com esta, tornar-se proprietários ou, mais precisamente, patrões de novos empregados” (Freire, 1970, p. 18).

Feitos esses apontamentos, partimos para considerações semióticas. Em uma perspectiva narratológica, o valor *ser-mais* será manifesto em um objeto valor que por sua vez só possui estatuto semiótico na medida em que está transitivamente relacionado com um sujeito, conforme postulam Greimas e Courtés (2016):

Dir-se-á que um sujeito semiótico não existe enquanto sujeito senão na medida em que se lhe pode reconhecer pelo menos uma determinação, ou seja, que ele está em relação com um objeto-valor qualquer. Da mesma forma, um objeto - entre os inumeráveis objetos que um discurso comporta - só o é enquanto esteja em relação com um sujeito, enquanto é “visado” por um sujeito. É a junção que é a condição necessária tanto à existência do sujeito quanto à dos objetos. (Greimas; Courtés, 2016, p. 173).

Podemos, então, definir a existência semiótica dos sujeitos a partir dos valores almeçados por eles que por sua vez estão inscritos em objetos. Em nossa análise, postulamos que no esquema de opressão, a existência semiótica está vinculada a um projeto de vida pautado por valores objetivos; no esquema libertário, por valores subjetivos. Barros (2001), na esteira de Greimas e Courtés (2016), explica que a semiótica organiza “a subdivisão dos valores narrativos em valores descritivos e valores modais (o saber, o poder etc.). Os valores descritivos, por sua vez, classificam-se em valores objetivos (consumíveis e armazenáveis) e em valores subjetivos (prazeres, estados de alma)” (Barros, 2001, p. 46). Uma observação se faz importante: não estamos aqui postulando que o discurso freiriano propõe que o opressor visa somente a valores objetivos, mas, sim, que os valores subjetivos visados estão estritamente vinculados aos valores objetivos. Ser algo para o opressor é ter propriedades. O opressor, portanto, só é à medida em que tem; e reduz seu *ser* ao *ter*.

Em uma perspectiva libertária, no entanto, o *ser* não se reduz ao *ter*, o que possibilita que a conjunção do sujeito liberto com o valor descrito almejado não implique uma disjunção de outro sujeito, pois na medida em que os sujeitos entram em conjunção com valores eles se multiplicam e não se exaurem. O projeto de vida dos sujeitos se realiza como um ato de criação que se funda no diálogo que por sua vez “é um ato de criação” (Freire, 1970, p. 45).

Para entender a dinâmica da criação de objetos-valor inexauríveis, utilizaremos a oposição que Greimas (2014) erigiu para caracterizar duas instâncias complementares no nível narrativo: a transcendente e a imanente. A primeira é responsável pela criação e inscrição dos valores em objetos; a segunda, pela busca de objetos em um circuito fechado (Greimas, 2014). O oprimido, ao libertar-se, fatura esse circuito fechado e passa a ser um actante também transcendental e a criar, em comunhão com outros sujeitos, seus próprios valores.

Essas instâncias estão vinculadas a dupla estrutura: (i) uma junção paradigmática que representa o circuito fechado com um sujeito em busca de objetos em uma instância

imane; (ii) uma comunicação participativa pela qual um destinador cria valores em uma instância transcendente. A diferença da configuração opressora e da configuração libertária é que naquela o oprimido não sincretiza os actantes destinador e sujeito da busca, ao passo que, nesta, ele sincretiza esses dois actantes: o imane e o transcendente são regidos pelos mesmos atores.

Para a semiótica, a junção paradigmática se dá em circuito fechado entre dois sujeitos, visto que é “a concomitância logicamente necessária de dois enunciados, um de conjunção e outro de disjunção que afetam dois sujeitos distintos. O mesmo objeto, portanto, media a relação desses sujeitos em um enunciado complexo” (Greimas, 2014, p. 46). A esquematização exposta na Figura 4 sintetiza essa relação.

Figura 4: Esquematização do enunciado de junção

$$\text{Enunciado de junção} = (S_1 \cup O \cap S_2)$$

Fonte: Greimas (2014, p. 47).

Em nosso objeto de análise, os actantes acima esquematizados se manifestam da seguinte forma: S_1 = opressor / S_2 = oprimido. À medida em que o opressor é mais, o oprimido é menos. Se nos limitássemos a esse esquema para nossa análise, teríamos que nos contentar com a seguinte conclusão: a apropriação que faz o oprimido do objeto outrora apropriado pelo opressor se dá em um universo figurativo que

concebe a riqueza como disponível em quantidade limitada, de forma que a uma comunidade fechada em si mesma corresponde um universo de valores isolado. A circulação de riquezas se faz aí em circuito fechado, e os percursos sintáticos de valores se estabelecem de tal maneira que a cada aquisição efetuada por um membro da sociedade corresponde necessariamente uma perda sofrida por outro. (Greimas, 2014, p. 43).

Freire manifesta esse esquema ao abordar o tema da invasão cultural e demonstrar que em circunstâncias opressoras os oprimidos deixam de criar valores, de serem destinadores de seus destinos e estão assim circunscritos em circuito fechado, “um mundo fechado” (Freire, 1970, p. 19). No entanto, como apontamos no tópico anterior de nosso texto, o que Freire (1970) chama de libertação implica o ser-mais também do opressor e não no seu ser menos. A riqueza na sociedade proposta por Freire é ilimitada.

Para dar conta da descrição desse aspecto inexaurível dos objetos, precisamos considerar não só a oposição entre valores objetivos e subjetivos, mas, ao lado do conceito de junção, parear o conceito de comunicação participativa e com ele analisar o que Freire denomina de relação dialógica.

A comunicação participativa explica um aspecto importante nas narrativas, a atribuição de valores sem renúncia, ou seja, a transcendência dos valores:

A solidariedade entre a renúncia e a atribuição, que acabamos de postular, padece, entretanto, de uma exceção importante sobre a qual teremos que nos questionar: trata-se do estatuto particular do destinador, que é capaz, nos casos a serem determinados, de efetuar atribuições sem que por isso tenha que renunciar aos valores que continua a possuir. (Greimas, 2014, p. 51).

No caso do discurso de Freire, dois pontos devem ser observados: (i) há um revezamento constante nos papéis actanciais de destinatador e destinatário entre os sujeitos libertos; (ii) Eles criam juntos os objetos-valor subjetivos. Exemplo disso é o conhecimento que não está acabado nos manuais, não se tratando, por isso, de uma doação no sentido semiótico, já que verificamos uma “atribuição do objeto sem que houvesse renúncia concomitante” (Greimas, 2014. p. 51). Se usarmos a situação pedagógica, foco de Paulo Freire, para ilustrar a relação dialógica, diremos que educador e educando criam novos valores (transcendentes) que estabelecem relação com os valores de universo imanentes do educando e do educador e assim se re-articulam em um novo sistema. Sobrepondo essa descrição ao esquema tensivo já analisado em seção anterior, concluímos que está assim possibilitado um *ser mais* em constante ascensão para todos, sempre superando seus limites, pois, enquanto houver humanidade, há reelaboração de identidade com novos valores provenientes de uma comunicação participativa (dialógica, se considerados os pontos observados). Quanto mais vida, mais aprendizado. Estamos diante de uma relação conversa em que, quanto mais envolvidos, mais o valor do ser mais se intensifica, pois mais diversos os valores em interação se re-articulando em um sistema. Os objetos são criados e circulam não em uma economia da escassez, mas em uma economia da abundância e da criatividade na qual a diversidade cultural é percebida como recursos sociais, recursos esses intangíveis que “não apenas não se esgotam como se renovam e multiplicam com o uso.” (Brasil, 2011, p. 125)².

Por fim, na relação dialógica, os objetos-valor não se limitam a uma atribuição do educador e sim uma criação de ambos, educador e educando. Eles, portanto, sincretizam os actantes sujeito e destinatador, e destinatador e destinatário: uma estrutura actorial subjetivada (Greimas, 2014. p. 69). A relação opressora, por sua vez, manifesta uma estrutura actorial objetivada, o ator opressor é destinatador e o ator oprimido é o destinatário. Se o opressor é quem determina os valores, ao oprimido resta apenas buscar esses mesmos valores impostos, restringindo sua existência semiótica a aquilo que o opressor definiu como valoroso.

Considerações finais

A pretensão de nosso artigo foi descrever semioticamente os valores propostos na obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire e a maneira como eles se manifestam sintaticamente em uma dimensão narrativa. Nossa investigação desenvolveu-se em duas etapas: primeiramente, descrevemos a significação elaborada em um nível mais profundo, analisando quais as correlações tensivas erigem determinados valores e de que forma o fazem; posteriormente, investigamos os mecanismos narrativos que sustentam a circulação desses valores na narrativa freiriana.

Um mesmo gráfico tensivo pode representar as diversas relações constituintes dos valores presentes na obra de Freire; contudo, apenas uma região desse gráfico esquematiza o valor que o patrono da educação estabelece como resultado esperado de seu projeto pedagógico e social: o valor de apogeu. A lógica opressora valoriza os valores de absoluto, o que poderia nos levar a crer, por uma simples oposição, que uma sociedade

² A alusão à economia criativa - que no Brasil foi planejada como projeto de governo com princípios, dentre outros, filiados à inclusão social e à diversidade cultural - se deve ao fato de que em termos de valores seu esquema tensivo é o mesmo da proposta freiriana. Ela não se pauta na escassez dos recursos, por isso não se fundamenta em termos de valores de absoluto ou de universo, mas sim em valores de apogeu. “Diferentemente da economia tradicional ‘taylorista’, a economia criativa se caracteriza pela abundância e não pela escassez, pela sustentabilidade social e não pela exploração de recursos naturais e humanos, pela inclusão produtiva e não pela marginalização de indivíduos e comunidades” (Brasil, 2011, p. 14).

emancipada valorizaria os valores do universo. Nossa análise, no entanto, demonstrou que subjaz à proposta freiriana um esquema tensivo que como orientação discursiva direciona-se para valores de apogeu.

Narrativamente, os valores de apogeu se manifestam através de projetos de vida que buscam valores subjetivos, visto que o *ser-mais* proposto por Freire não reduz os projetos de vida dos sujeitos a uma existência material, diferente do enfoque opressor que sobrepõe o ser ao ter e por isso pauta seu projeto de vida pela busca de valores objetivos. Um passo além e vimos que sintaticamente a oposição entre relações opressivas e libertárias em Freire, narrativamente, podem ser descritas como uma estrutura actancial objetivada oposta a uma estrutura actancial subjetivada. Os valores subjetivos perseguidos por sujeitos em processo de libertação são manifestados em objetos-valor criados através de uma estrutura actorial subjetiva pela qual o ator sujeito liberto, ou em libertação, sincretiza os papéis de destinador e destinatário o que os credencia como sujeitos criadores do seu próprio destino e finalidades, bem como criadores dos próprios valores buscados por eles. É essa estrutura que garante um universo temático orientado por valores de apogeu: quanto mais sujeitos livres, mais riquezas, pois mais condições para a criação de objetos-valor.

Um próximo trabalho poderá complementar este se considerarmos que para a realização dos esquemas aqui apresentados é preciso, em uma perspectiva pedagógica, que um sujeito assuma determinadas combinatórias modais que indicarão mais precisamente a identidade modal proposta por Freire. Em Freire, o diálogo está condicionado a uma série de configurações passionais concentradas em paixões lexicalizadas. Propõe o patrono da educação brasileira que o diálogo demanda: amor, esperança, humildade, confiança nos homens (Freire, 1970). Essas paixões são resultado de arranjos modais correlacionados tensivamente. Como dissemos na introdução de nosso artigo, qualquer proposta educativa possui uma concepção de ser humano que a sustenta (Libâneo, 1994). Para além dos valores que fundamentam essa concepção, o que cremos ter demonstrado neste trabalho, o semiótico poderá lançar luz também sobre as combinatórias modais que a embasam. Este estudo posterior, portanto, articularia a sintaxe narrativa, aqui trabalhada com os conceitos de junção e comunicação participativa, a elementos oriundos de uma semântica narrativa. Entraremos na seara das configurações passionais que permeiam a proposta pedagógica freiriana. Fica a demanda de descrevermos as correlações tensivas entre as modalidades do sujeito em processo de libertação. A partir disso descobriremos o percurso passional que esse sujeito vivencia no processo educativo que tanto o define como o direciona para uma maneira de se relacionar com o conhecimento e com um projeto de ação que visa a mudar o mundo.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: Fundamentos semióticos**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2001.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Plano Nacional de Economia Criativa. Brasília, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2019.
- FONTANILLE, Jacques.; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. São Paulo: Humanitas-USP, 2001.
- GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina**. Montevideo: Ediciones del Chanchito, 1999.
- GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. São Paulo: Nankin/Edusp, 2014.
- GREIMAS, A.J; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Vários tradutores. São Paulo:

Contexto, 2016.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

SOUZA, P. M. **O sujeito semiótico: Uma tipologia**. Orientador: Waldir Beividas. 2016. Tese (Doutorado). Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - São Paulo, 2022. Disponível em:

[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15082016-](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15082016-120723/publico/2016_PaulaMartinsDeSouza_VCorr.pdf)

[120723/publico/2016_PaulaMartinsDeSouza_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15082016-120723/publico/2016_PaulaMartinsDeSouza_VCorr.pdf). Acesso em: 10 jul. 2024.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ZILBERBERG, Claude. **La estructura tensiva**. Lima: Fondo Editorial de la Universidad de Lima, 2016.

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/Dialogicidade. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 369-370.

Submetido em 30 de setembro de 2024.

Aprovado em 16 de dezembro de 2024.